



## **A SOLIDÃO E OS DESAFIOS DO ACONSELHAMENTO PASTORAL NUM CONTEXTO URBANO**

Joanete de Fatima da Silva Pacheco<sup>1</sup>  
Neir Moreira<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho concentra-se na apresentação da práxis do aconselhamento pastoral consoante ao embasamento bíblico e cristão diante da solidão do homem urbano contemporâneo. A expectativa desta pesquisa é propiciar ao leitor uma visão sistêmica do aconselhamento pastoral, não obstante, a promoção e a conscientização da igreja acerca da necessidade de capacitar os seus pastores como conselheiros urbanos, para utilizarem o aconselhamento pastoral como ferramenta para cumprimento da missão integral da igreja, no que tange a identificação, o tratamento e a cura do ser humano.

Palavras-chave: solidão, aconselhamento pastoral, urbanização.

### **ABSTRACT**

This paper focuses on the presentation of the praxis of pastoral counseling depending on the Biblical foundation and Christian before the loneliness of urban contemporary man. The expectation of this research is to provide the reader with a systemic vision of pastoral counseling, however, the promotion and awareness of the church about the need to empower their pastors as municipal councilors to use pastoral counseling as a tool to fulfill the overall mission of the church, regarding the identification, treatment and cure of human beings.

Keywords: pastoral counseling, loneliness, urbanization.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia Pela Faculdade Cristã de Curitiba, Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Educacional de Colombo.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Cristã de Curitiba, Pós-Graduado em Educação Religiosa pela Faculdade Batista do Paraná, Bacharel em Psicologia pela UFPR e Mestre em Teologia pela PUC-PR.



## Introdução

Um dos maiores fenômenos da história contemporânea concentra-se no processo de urbanização, seja a migração das pessoas para as cidades, ou o deslocamento diário intra-regional, demanda que é crescente e contínua. É neste contexto que se faz necessário a busca da compreensão desta urbanização para o desenvolvimento da missão da igreja e do ministério pastoral. O pastor ora denominado pastor “conselheiro urbano” está diante do desafio de aprender a entender as mutações da cidade e o impacto sobre os indivíduos que nela vivem.

O objetivo deste artigo concentra-se na apresentação da práxis do aconselhamento pastoral consoante ao embasamento bíblico e cristão, não obstante, a missão da igreja.

## O Homem e a Solidão

As significativas transformações culturais, políticas, econômicas, científicas e tecnológicas, ocorridas na atualidade, com o propósito de propiciar a melhoria da qualidade de vida, com as promessas de segurança, alegria, paz, saúde e tranquilidade, não é o cenário que o homem urbano está presenciando. Ao contrário, as crises que assolam a sociedade contemporânea, pela ganância, pelo abuso de poder, pelo abuso de autoridade, pela corrupção e pela disparidade social, acabam minando a alma do homem urbano.

Neste contexto, o homem no âmago de sua sobrevivência, na busca de conquistas para o desfrute de uma vida com qualidade, incorre na necessidade de trabalhar cada dia mais e conseqüentemente, o tempo para desfrutar com a família, com os amigos, para consigo mesmo, e até mesmo para com Deus, torna-se cada vez mais escasso. As intempéries deste cotidiano provocam no homem o distanciamento de Deus, isto gera um sentimento de vazio: a solidão. Fazendo que o



homem sinta-se só, mesmo estando junto com a família, na igreja, ou no trabalho. Isto torna o homem infeliz e sem objetivo. Conforme May (1976, p. 13), “não há dúvida de que os sintomas de nossa época, e em qualquer outra, são infelicidades, incapacidades para tomar decisões [...], falta de objetivo na vida, e assim por diante”, independente de raça cor ou sexo.

As pessoas solitárias, incapazes de relacionar-se, tendem a se refugiar em seus próprios pensamentos, muitas vezes egocêntricos, assumindo o papel de vítimas, merecedoras de compaixão, vislumbrando que as outras pessoas não podem compreendê-las, indiferentemente de qual seja a situação. O homem urbano fica preso ao seu egocentrismo e esquece que pode buscar um Deus que tem a solução para todos seus problemas. Segundo Tournier (2002, p.78), o homem e a mulher modernos rejeitam a religião, mas no seu íntimo, tem saudades dela.

Um dos problemas psicológicos é o sentimento de inferioridade que assombra a humanidade fazendo gerar a solidão. Desde criança, jovem ou adulto, o distanciamento de Deus torna o homem urbano só, isolado e com dificuldade de comunicar-se. Muitas pessoas têm a sensação de refletirem como espelhos às expectativas e desejos do que os outros esperam. Para Collins:

Esta sensação afeta pessoas de todas as idades, inclusive crianças, mas os estudiosos concordam que a solidão cresce bastante na adolescência e atinge seu ponto mais alto entre dezoito e os vinte e cinco anos. Embora a solidão apareça em todas as culturas, ela é mais frequente em sociedades como a nossa, que estimulam o individualismo. (Collins, 2004, p. 107).

Estudos filosóficos, psicanalíticos, antropológicos e psicológicos acerca do homem contemporâneo diante da solidão por si só não são conclusivos, eles podem ser considerados, apenas, como caminhos para a compreensão e estudo da solidão.

A abordagem multidisciplinar permite a ampliação das chances inerentes à compreensão da solidão, porém, se não for confrontada sob a perspectiva bíblica, esta abordagem fica prejudicada, uma vez que o propósito das Escrituras Sagradas visa inserir a humanidade com suas condições limitadas de existência a relacionar-



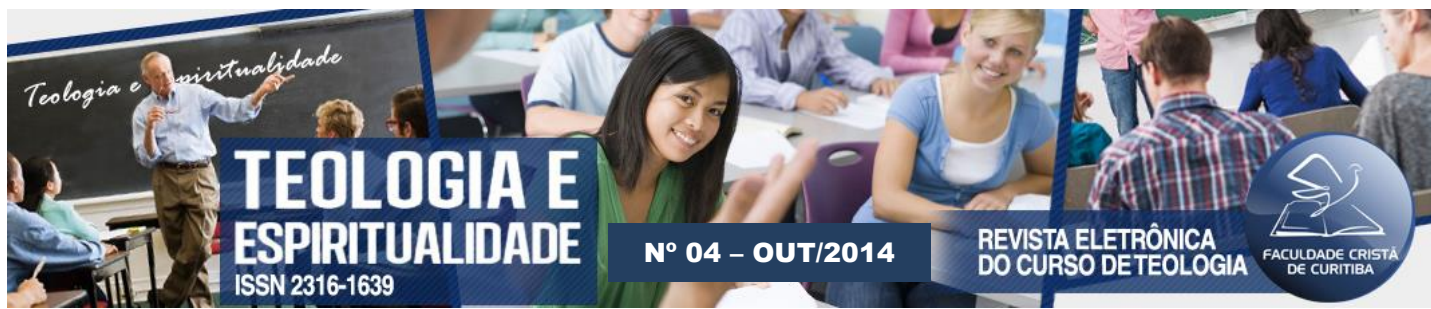
se com o Criador. Percebe-se que a solidão indiferentemente do estágio, seja transitória e circunstancial, crônica e duradoura, não é oriunda apenas do meio, ou por elementos circunstâncias. Collins (2004, p. 108) exemplifica estes estágios de solidão resultando que “a solidão transitória dura de alguns minutos a alguns meses. Geralmente é desencadeada por algum evento, [...] a solidão crônica geralmente é fruto da timidez do indivíduo, ou de pensamento de auto-sabotagem ‘não posso’”.

Pode-se deduzir que a solidão predominantemente é uma sensação interna, e a Bíblia convida o ser humano a comunicar-se com o Criador, para estabelecer um relacionamento com as pessoas, com ênfase no amor, no encorajamento, no perdão, no cuidado uns para com os outros. Conforme Klein:

Ao considerar do ponto de vista psicanalítico o comportamento das pessoas no seu ambiente social, é necessário investigar como o indivíduo se desenvolve desde a infância até a maturidade. O sentimento de estar só independente de circunstâncias externas sentir-se solitário mesmo quando entre amigos ou recebendo amor (Klein, 1975, p. 1333).

O sentimento de solidão não se refere apenas à privação da companhia externa. O sentimento de solidão permeia a intimidade, o sentimento de estar só mesmo quando não se está fisicamente sozinho. A discussão acerca do tema solidão, na maioria das vezes é incorporado a uma temática do campo da psicologia, da sociologia, da psicologia, e interpretado por muitos como consequência do mal contemporâneo. Conceituar solidão é muito complexo, e segundo o dicionário Luft, (1991, p 575), solidão é “estado daqueles de quem se acha ou vive só”. Para Collins (2004, p. 107), “solidão é a dolorosa constatação de que não temos contatos íntimos e significativos com outras pessoas. Ela envolve uma sensação de vazio interior, isolamento e anseio profundo”. Observa-se que existe uma desestabilização psicológica e emocional onde o homem sente uma ausência nos relacionamentos, é um dos resultados quando o homem sai de suas raízes no meio dos familiares, vive o isolamento social, a comunicação do indivíduo é traduzida pelo comportamento, uma vez cada pessoa manifesta sua solidão de forma diferente das outras.

A solidão acomete frequentemente as pessoas com baixa autoestima,

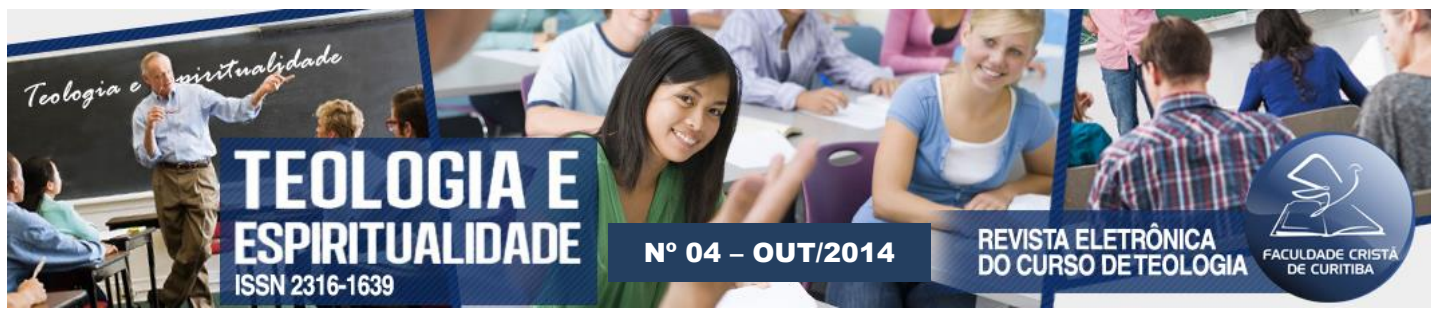


dificuldade de comunicação, falta de controle, hostilidade e medo. As pessoas solitárias incapazes de relacionar-se tendem a se refugiar em seus próprios pensamentos, muitas vezes egocêntricos, assumindo o papel de vítimas, merecedoras de compaixão, vislumbrando que as outras pessoas não podem compreendê-las, indiferentemente de qual seja a situação. De acordo com Meneghetti:

Substancialmente, qualquer ciência e civilização perderam a dimensão do homem, segundo o projeto originário da vida, uma vez que o ser humano é carente da própria verdade interior conforme o projeto da natureza, ele encontra-se disperso e caótico. Nenhum homem sabe mais o que é certo e o que é errado: cada um, quando deve emitir um juízo de bem ou mal, imediatamente uniformiza a própria mente àquilo que aprendeu na família, àquilo que diz a sociedade ou àquilo que prega uma religião. (Meneghetti, 2008, p.08).

A depressão também é um efeito da solidão. Além disso, as pessoas solitárias tendem a ser depressivas, pois, muitas vezes se queixam de uma sensação de vazio, que pode levar ao desespero até o pensamento suicida. Conforme Friesen (2000, p. 227), “a depressão clínica, que é muito diferente dos sentimentos normais de tristeza ou de estar na fossa, afeta acentuadamente o pensamento, os sentimentos, o comportamento”. As pessoas reagem às tensões interpessoais de maneiras diferentes, algumas pessoas resistem a ela, outras a evitam, muitas ficam profundamente irritadas com ela, outras são esmagadas e há aquelas que se sobressaem. As relações interpessoais ruins podem desencadear quase todas as reações emocionais do ser humano, e as ações das pessoas podem variar, principalmente, as que estão em um estado de solidão. Estas tensões estão acompanhadas de alterações bruscas de humor ocasionando até dores físicas.

As alterações bruscas de humor e de comportamento não se referem às reações de adaptação necessárias em um contexto situacional. Ainda conforme Friesen (2000, p. 229), “as alterações que podem indicar um transtorno geram profundas mudanças no humor e no comportamento e muitas tensões são



acompanhadas de dores físicas [...], podem não ter nenhuma causa identificada, mas devem ser visto como sintomas reais”.

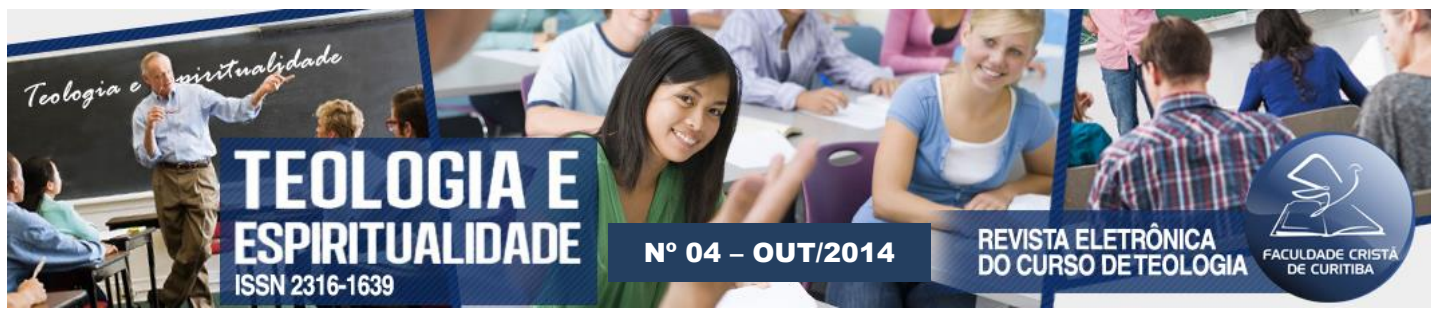
Estes elementos apresentados sobre os efeitos da solidão contextualizam e caracterizam o sentimento do homem urbano contemporâneo quando acometido pela solidão. Este estado de solidão permeia as relações interpessoais. Todos os seres humanos são criaturas sociais. Desde os primórdios da criação, “Deus disse que não era bom o que o homem estivesse só” (BÍBLIA, Gn 2.18).

Quando duas pessoas ou mais se juntam, ocorrem relações interpessoais, contemporaneamente, as relações interpessoais frequentemente são tensas e marcadas por conflitos. Homens e mulheres orgulham-se de seu individualismo, sua independência e autodeterminação, mas esses traços de personalidade marcados pela sombra da solidão, às vezes, afastam uns dos outros, e tornam as pessoas mais insensíveis, solitárias, e incapazes de relacionar-se bem com outras pessoas.

Muitas vezes a solidão é decorrente do pecado que aliena o ser humano de Deus e do seu próximo. E em vez de se voltarem para Deus arrependidos, e procurarem a reconciliação com o próximo, os solitários buscam uma tangente, uma espécie de válvula de escape através de meios ainda mais pecaminosos, ou em um número imenso de atividades seculares para acabar com a inquietação do interior. Collins (2004, p.113) afirma que “quando ignoramos a Deus e não confessamos nossos pecados, há pouca probabilidade de nos livrarmos da solidão”.

Analisando a Escritura Sagrada, especificamente a biografia de vários personagens como Moisés, Jó, Neemias, Elias, Jeremias, Davi, percebe-se o estado de solidão. Davi no Salmo 25.16 expressa: “Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou sozinho e aflito”. O próprio Senhor Jesus sentiu-se sozinho no Getsêmani, conforme Mateus 27.46:

Por volta da nona hora, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, *lama sabactâni*? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? (BÍBLIA, Mt. 27.46).

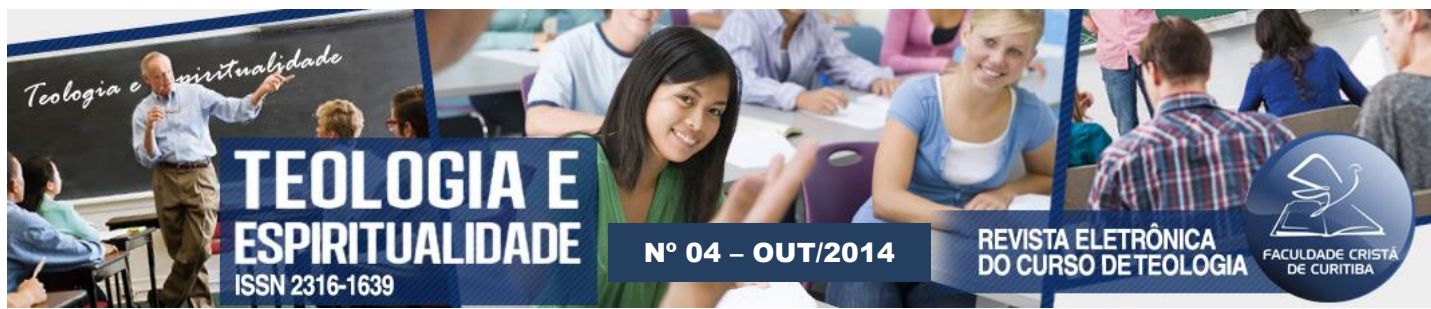


A palavra “solitário” aparece quatro vezes na Bíblia, duas destas referências fazem alusão aos lugares solitários conforme Marcos 1.45: “mas, tendo ele saído, [...] Jesus não podia entrar publicamente na cidade, mas conservava-se fora, em lugares solitários; e de todas as partes iam ter com ele”. E em Lucas 5.16: “Ele, porém, se retirava para lugares solitários para orar”. Em relação às outras duas referências, fazem alusão a pessoas, ambas em Salmos, conforme Salmo 25.16 e 68.6: “Volta-te para mim e tem compaixão, porque estou solitário e aflito”; “Deus faz que o solitário more em família”. A Bíblia expressa claramente a necessidade de comunhão e comunicação com Deus e também com as pessoas, particularmente, aos cristãos, neste contexto aborda-se o papel da igreja diante da prevenção da solidão, buscando o fortalecimento da igreja local, ao enfrentamento as transformações, ao desenvolvimento da auto-estima e a estimulação do crescimento espiritual. Conforme Collins:

A igreja local pode e deve ser o melhor antídoto para a solidão. Para evitar a solidão, as pessoas, devem ser incentivadas a participar dos cultos e atividades da igreja e aceitar o companheirismo dos membros [...] Portanto para evitar a solidão, o líder da igreja deve incentivar os novatos a se envolverem na igreja e estimular os membros a amar, dar apoio, perdoar, cuidar e receber estes indivíduos dentro da comunidade numa época em que tantas pessoas vivem longe da família, a igreja pode prover uma rede de famílias substitutas (Collins, 2004, p. 117).

A autoconfiança e o companheirismo, por si só, não possibilitam uma solução permanente para sanar o problema da solidão. A igreja precisa ajudar as pessoas a terem um relacionamento íntimo com o Criador, não obstante a ajuda do estabelecimento de relacionamentos profundos e concisos com os membros da família, onde haja a doação mútua e que se respeite e aceita a individualidade de cada um.

## **O Homem Urbano e o Aconselhamento Pastoral**



Nos dias atuais as pessoas vivenciam em seu cotidiano, muita correria, muitas mudanças que trazem modificações no meio da sociedade, com a aglomeração das cidades, e devido à busca por uma vida melhor, o homem urbano passa por muitas dificuldades, em todas as esferas e busca no pastor urbano a ajuda para sobreviver. Este processo do cuidado pastoral precisa ser devidamente analisado, porque por ser uma ação continuada o perfil deste pastor deve ser repensado para um melhor aproveitamento no campo da atuação de aconselhamento. Como a Sagrada Escritura direciona a Igreja e o pastor, para ajudar o homem urbano a resgatar sua dignidade através do aconselhamento pastoral?

Considerando que a migração do homem à cidade cresce explosivamente, com isso a igreja precisa estar preparada, e, esta missão está ligada ao pastor urbano, que prepara e cuida da sua comunidade para vencer as transformações na vida do homem. Segundo Collins (2004, p.17), “o aconselhamento pastoral é uma área especializada do cuidado pastoral, que se dedica a ajudar [...] as pessoas a enfrentarem seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos”, neste contexto há uma necessidade da igreja na preparação do pastor urbano, pelo compromisso que Deus outorgou a ele.

A Sagrada Escritura relata várias passagens que a assistência às pessoas era um mandado de Deus, conforme Romanos 15.1: “Mas nós que somos fortes, devemos suportar as fraquezas dos fracos, e não agradar a nós mesmos.” Outra passagem que diz em Gálatas 6.2: “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”.

O pastor urbano precisa ser um grande mobilizador, com ações relevantes, criativo e afetivo. Entender da grande dimensão de sua missão e trazer esta visão para seu ministério, visão evangelística, ser um visitador, compreensivo, ouvinte, autêntico. De acordo com Friesen (2000, p. 26), “para poder realmente compreender as necessidades dos outros é absolutamente necessário que o conselheiro





compreenda e perceba antes de tudo as suas próprias necessidades e aprenda a lidar com elas”.

Segundo as Escrituras Sagradas todos os cristãos têm responsabilidades de dar assistência ao próximo, mas é através do pastor que existe uma relação mais expressiva e significativa entre o homem urbano e a igreja. Neste sentido o pastor urbano deve dar apoio para o homem urbano tanto nas horas em que o pastor é chamado, quanto nas horas em que o pastor identificar a necessidade.

Paralelamente as pessoas em meio aos solavancos diários sentem-se inseguras a recorrer a conselheiros para levarem os seus problemas.

Qual o conselheiro ideal? Os conselheiros que transmitem empatia e aceitação incondicional, de quem vocês gostam, do que as respeitem, ou que manifestam interesse em aconselhar, que são competentes para aconselhar, ou conselheiros nos quais confiam porque são éticos, e por fim os conselheiros que conhecem a Deus. Conforme Friesen:

O aconselhamento pastoral deve tratar das tensões interiores e dos diferentes complexos que interferem na qualidade de vida. Deve promover a libertação das atitudes inadequadas e distorções de percepção quanto à realidade. Deve favorecer a libertação dos medos, das culpas e das iras. Estas tarefas deverão ser efetuadas com os recursos da Palavra de Deus (Friesen, 2000, p. 26).

Contemporaneamente no cenário evangélico a busca da compreensão do contexto urbano para o desenvolvimento da missão da igreja e da missão pastoral, faz-se necessário, conseqüentemente é preciso preparar pastores para este contexto urbano. Nesta perspectiva o perfil do pastor como conselheiro deve estar inserido em três contextos: social, pessoal e ministerial.

No viver diário do pastor há uma necessidade de desenvolver a sensibilidade para conhecer as aflições que o homem urbano está passando e sempre estar a disposição para ajudar através de uma aproximação, de um diálogo trazendo o solitário o mais próximo possível, ajudando a aliviar a sua dor. Conforme Collins:



O aconselhamento pastoral é uma área especializada do cuidado pastoral, que se dedica a ajudar indivíduos, famílias ou grupos a lidarem com as pressões e crises da vida. O aconselhamento pastoral emprega vários métodos de cura para ajudar as pessoas a enfrentarem seus problemas de uma forma coerente com os ensinamentos bíblicos. (Collins, p. 17. 2004).

A cidade urbana é um desafio para o pastor, porque é neste contexto social que circunda as inter-relações. Os habitantes de uma cidade e o modo como vivem na sociedade, está embasado no processo da urbanização, e o pastor urbano projeta nesta cidade o trabalhar de seu ministério. Portanto é na cidade que se constrói uma visão nova de missões e o pastor urbano vai enfrentar na igreja desafios como, violência, injustiça social e civil, e muitas outras preocupações que aflige o homem urbano. Segundo Barro (2003, p. 160), “em sua narrativa do evangelho, ele informa que Jesus andou de cidade em cidade (Lc 4.43 - 24.47) a caminho de Jerusalém, enfatizando que as cidades por onde passou eram as que exerciam influências nas áreas políticas, culturais e econômicas”.

Barro (2004) ressalta que a igreja exerce o papel de portas abertas na perspectiva do homem urbano, quando encontra-se perdido no caos que o cerca. O desafio da igreja como exercício de cidadania precisa ser na difusão da Palavra de Deus.

### **O Aconselhamento Pastoral e a Solidão**

A fim de que o aconselhamento pastoral possa ser uma ferramenta para identificar, tratar e auxiliar na cura da solidão do homem urbano contemporâneo é válido frisar, que Deus ama e valoriza todos os seres humanos e que não há pecado que não possa ser perdoado, de acordo com Jo 3.16 e 1 Jo 1.9 respectivamente. O aconselhamento tem como objetivo o crescimento das pessoas que buscam ajuda em tempos difíceis, seja por motivos circunstanciais, existenciais, questões pessoais, questões ligadas ao desenvolvimento, questões de família, questões



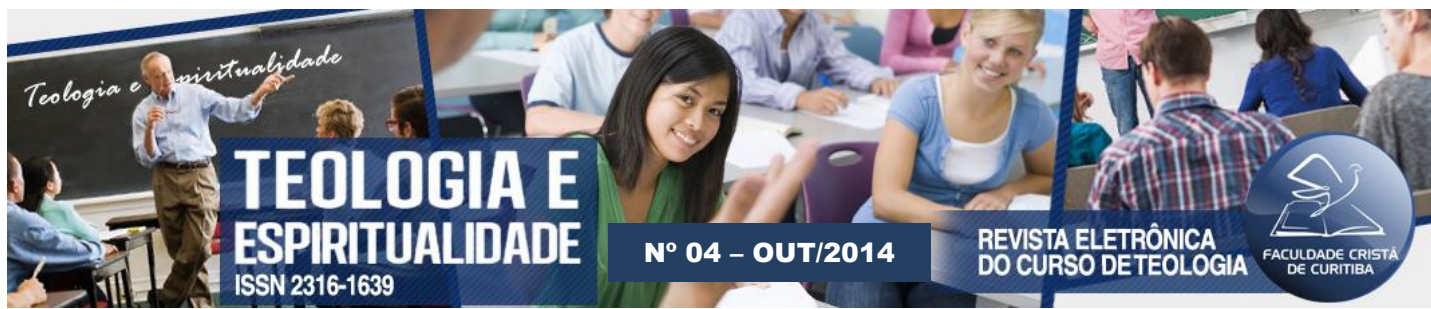
interpessoais, questões espirituais e questões profissionais.

Para que a práxis do aconselhamento pastoral produza o efeito esperado, o convívio com as pessoas requer o desenvolvimento de características de cunho pessoal do conselheiro, tais como: a convicção, o autoconhecimento, a bondade, a preocupação, a sensibilidade, a capacidade de ouvir, de entender e de comunicar-se, a paciência, o respeito, mas acima de tudo o amor. Conforme Barro e Kohl (2006, p. 26), “o fato do ser humano ser pecador não deve conduzir o conselheiro a menosprezar quem vier consultá-lo. Por mais corrompida que a pessoa possa ser, nunca perde a imagem de Deus e merece nosso respeito”. No que se refere à convicção do conselheiro, para Friesen:

O conselheiro pastoral precisa de convicções para definir uma estabilidade própria, não para as impor aos outros. As convicções pessoais servem de referencial e de âncora, não de forma cristalizada e irredutível para coagir aos trôpegos, mas para oferecer segurança ao próprio conselheiro enquanto escuta. As convicções podem servir contra envoltimentos emocionais e afetivos ao aconselhar alguém. As convicções podem ajudar a manter uma postura firme a favor de princípios bíblicos básicos, mesmo que a situação do aconselhando seja tão lastimável que o coração do conselheiro queira ceder (Friesen, 2000, p. 85).

Em relação às características do conselheiro, a Bíblia apresenta várias referências de orientação tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento, mas também a Bíblia Sagrada apresenta advertências aos conselheiros. Como diz o texto em Rm. 12.16: “Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos próprios olhos”. Nesta perspectiva o aconselhamento pastoral poderá ser efetivo quando contextualizado em duas frentes de atuação: a das relações interpessoais e a do tratamento da solidão.

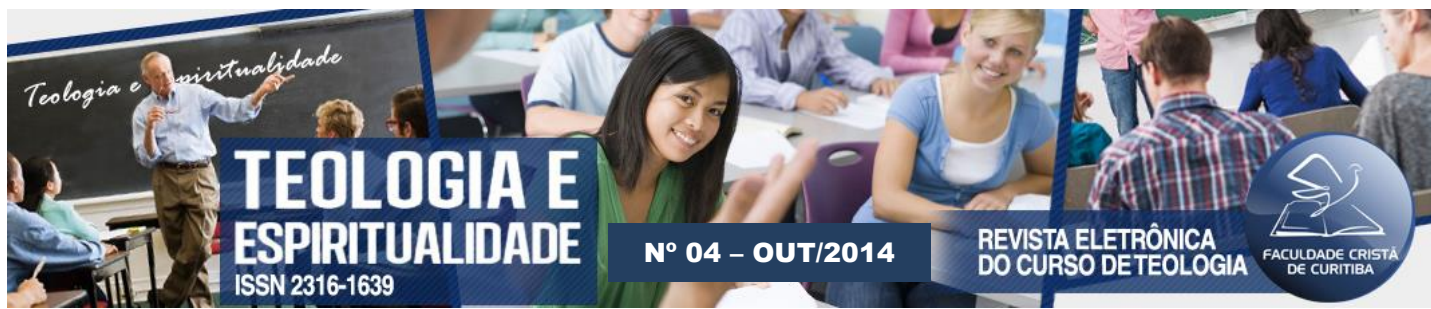
Primeira frente de atuação, de acordo com Collins (2004, p. 278), o conselheiro pode ajudar a produzir através do aconselhamento a capacitação para as pessoas em adquirirem habilidades interpessoais eficientes: “começando com o básico, transformando o indivíduo, através da oração, modelando bons



relacionamentos e ensinando a resolver conflitos”. As mudanças mais básicas e fundamentais nas pessoas tornam-se permanentes quando vêm de Deus através do Espírito Santo. O relacionamento centrado em Jesus Cristo pode ajudar a quebrar as barreiras e ajudar o indivíduo a lidar com os conflitos e modelar bons relacionamentos. Para Barro e Kohl (2006, p. 43), “Deus não está sentado à sombra fresca, bem longe calor dos conflitos. Pelo contrário, ele se sacrifica no centro de nossas lutas e querelas, ele se coloca na fornalha do nosso ódio, malícia e hostilidade”. A relação entre conselheiro e aconselhando pode ser um modelo, uma referência de interação positiva, que propiciará ao conselheiro estimular e encorajar constantemente o aconselhando mesmo na abordagem de temas delicados, ou dolorosos.

O conflito por sua natureza muitas vezes é algo natural, entretanto a maneira do enfrentamento e a identificação do alvo é que determina a resolução. Collins (2004, p. 208) ainda identifica os ensinamentos para a resolução de conflitos sob duas perspectivas esclarecendo alvos para resolver as diferenças “quando os alvos são identificados e esclarecidos, eles podem ser mais facilmente atingidos compreendidos e modificados” e “quando a resolução das diferenças a orientação predominante é o cumprimento das normas bíblicas”. Muitas sugestões são válidas para o tratamento da solidão, tais como o envolvimento em atividades variadas de cunho social, filantrópico, religiosa, educacional, de recreação, de entretenimento ou esportiva. Estas ações, entretanto, podem tornar-se paliativas e provisórias.

Quando o conselheiro pastoral notar que o aconselhamento apresenta sinais, significativos de intenso e prolongado transtornos ou sintomas de enfermidade mental faz-se necessário informar apropriadamente a pessoa responsável pelo aconselhando, a importância do auxílio do tratamento especializado. Segundo Friesen (2000, p. 221), “qualquer pessoa pode temporariamente sucumbir às pressões que o cotidiano o impõe e necessitar de auxílio médico, [...] considera-se tal pessoa emocionalmente e mentalmente enferma”. O homem é um ser especial para Deus e para o pastor e precisa ser cuidado, nos seus mínimos detalhes.



Para Collins (2004, p.116), o tratamento para produzir resultados duradouros para tratar a solidão consiste em admitir a existência do problema, em identificar as causas, em mudar a maneira de pensar, desenvolver a auto-estima, incentivar novos contatos sociais e suprir as necessidades espirituais, e sob esta prerrogativa Friesen afirma:

A dimensão mais preciosa do ser humano certamente é a espiritual, pois Deus soprou o espírito sobre o homem quando o criou Gn. 2.7. O espírito, a dimensão espiritual, é a parte de Deus no homem. Ela é incorruptível quando Jesus se torna Salvador e Senhor. Mas ainda assim, a igreja precisa voltar à visão integral do ser humano para poder ajudá-lo de fato. (Friesen, 2000, p. 43).

### **Considerações Finais**

Este é o cenário que permeia atualmente, os que almejam cumprir o chamado do Senhor para uma liderança com o compromisso de exercer o aconselhamento pastoral, no contexto urbano. Obviamente, os desafios a serem encarados são diferentes daqueles enfrentados no passado.

Um mundo no qual o homem urbano, apesar de adaptado, globalizado e tecnológico, vive procurando criar, modificar, construir e desconstruir conceitos, princípios, valores, ideais, numa proporção tão ampla para obter respostas, para conhecer a si mesmo e compreender o seu próximo, e em meio a tantas tentativas o ser humano encontra-se cada vez mais alienado e distante de Deus e do seu próximo.

A Igreja precisa de um despertar, e o pastor, com o papel de conselheiro urbano, precisa buscar estratégias para trabalhar com o homem urbano.

A expectativa ao término deste artigo é propiciar ao leitor uma visão sistêmica do desafio do pastor no aconselhamento do homem urbano contemporâneo, levando em conta, a promoção e a conscientização da igreja acerca da necessidade dos



pastores utilizando o aconselhamento pastoral como ferramenta para cumprimento da missão integral da igreja, no que tange a identificação, o tratamento e a cura do ser humano, e neste caso, a solidão urbana.

A igreja tem diante de si o desafio de ajudar as pessoas no século XXI a conhecerem a Deus, não apenas através das ações litúrgicas ou sociais, mas através da vida, das conversas, das atitudes e das referências de cada cristão, como imitadores de Cristo.



## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14724: **Informação E Documentação**. Trabalhos Acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002

\_\_\_\_\_. ABNT: **Citações NBR10520**. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002

\_\_\_\_\_. ABNT: **Projeto de Pesquisa**. NBR15287. Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2006.

ALMEIDA, João F. **Bíblia Sagrada**. São Paulo. Editora Sociedade Bíblica do Brasil. 2006

BEUREN, Ilse Maria. **Como Elaborar Trabalhos Monográficos**. 2º Edição. São Paulo: Atlas, 1995.

FRIESEN, Albert. **Cuidando do Ser**. Curitiba. Editora Esperança, 2000

BARRO, Jorge Henrique. **O Pastor Urbano**. Londrina. Ed. Descoberta. 2003

COLLINS, Gary R. **Aconselhamento Cristão**: Edição Século 21. Tradução Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo. Ed. Vida Nova, 2004

KLEIN, Melaine. **O Sentimento de Solidão**. Rio de Janeiro. Ed. Imago LTDA. 1975

KOHL, Manfred Waldemar; Barro, Antonio Carlos. **Aconselhamento Cristão Transformador**. Londrina. Ed. Cristãos. 2006

MAY, Rollo. **O Homem a Procura de Si Mesmo**. Petrópolis. RJ. Ed. Vozes. 1976.

MENEGHETTI, Antonio. **A Psicologia do Líder**. Ed. Relativa. Rio Janeiro. 2004.

TOURNIER, P. **Mitos e Neuroses**. Ed ABU. Viçosa Ultimato. São Paulo. 2002.